



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
ARTES VISUAIS

JULIANA ARAÚJO E SILVA

ARTEVIVÊNCIAS: SOBRE GEOMETRIAS E CORES

Recife
2024

JULIANA ARAÚJO E SILVA

ARTEVIVÊNCIAS: SOBRE GEOMETRIAS E CORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^ª.Dr^ª.Maria Betânia e Silva

Recife
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Juliana Araújo e.

Artevivências: sobre geometrias e cores / Juliana Araújo e Silva. - Recife,
2024.

57 p. : il.

Orientador(a): Maria Betânia e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. Geometrias. 2. Cores. 3. Memórias. 4. Identidades. 5. Artes Visuais. I.
Silva, Maria Betânia e. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

JULIANA ARAUJO E SILVA

ARTEVIVÊNCIAS: SOBRE GEOMETRIAS E CORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Aprovado em: 24/09/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria Betânia e Silva (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Joana D'arc de Sousa Lima (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Ms^a. Luciana dos Santos Tavares (Examinadora Externa)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Dedico esse trabalho à espiritualidade e à ancestralidade que me guia.

AGRADECIMENTOS

Como nos ensina Pai Sidnei Nogueira, celebrar a vida e agradecer nutre nosso Orí e manifesta bons caminhos. Eu não poderia perder a oportunidade de então assim fazer.

Primeiramente, agradeço à espiritualidade e à ancestralidade, pois acredito que são essas as guianças que me sustentam e protegem. Todas as vezes em que eu reflito sobre os propósitos de estar aqui, a resposta que eu recebo é que eu devo continuar. Que existem caminhos lá na frente que eu não consigo mensurar e a prova disso é onde eu estou hoje. Eu nunca imaginei antes a realidade atual. Eu sinto que devo confiar, vivenciar cada fase do processo, respeitar os ritmos. Fazer, cada dia, o que me cabe, além de apreciar e me renovar. Tudo isso pra chegar lá na frente, ao encontro de meus ancestrais, com minha mala cheia de tesouros. É o que tenho feito.

Agradeço à minha mãe e à minha avó Dina por todo o cuidado, conselhos, amor e caminhos construídos antes dos meus. Cada dia em que eu quebro e supero alguns ciclos, eu sei que essas vitórias não são só minhas. Também devo falar sobre mais outras mulheres da minha família, pelas histórias que compartilhamos e por serem inspirações para mim, cada uma ao seu modo. Não em uma ordem de relevância, mas cito minha irmã Eliana, minhas tias - Marlene, Pinata, Netinha e Jove -, e, algumas que, pelo pouco das histórias que ouvi, gostaria de ter conhecido, que são as minhas bisas, Mãe Velha, Maria e Pastora.

Agradeço ao meu pai, que sempre acreditou em mim. Que eu via brilhar os olhos em cada conquista minha e que, até nas minhas mudanças de planos, mesmo sem demonstrar com palavras, confiava que ia dar certo. Eu nunca vou esquecer de quando me disse que eu tinha que fazer o que me trouxesse satisfação. Assim tenho feito.

Agradeço ao meu irmão Lucas, por toda a parceria, e também aos meus sobrinhos, Júlio e Miguel, que chegaram para adoçar nossa família. Também devo citar o meu tio Hino que demonstra que sempre lembra de mim em cada mensagem matinal enviada.

Agora eu chego na parte de agradecer imensamente à pessoa que mais me fortaleceu durante todo esse processo da universidade, que foi o meu companheiro Renan. Você que esteve e está ao meu lado nas alegrias e nas incertezas. Que me incentivou a continuar. Que sempre me lembra da minha potência. Que sonha junto comigo, sonhos meus, seus e nossos. Eu tenho muito orgulho de te ter ao meu lado e gratidão pelo amor que a gente compartilha um com o outro. Só a gente sabe. Já superamos muitos obstáculos, construímos muitos caminhos felizes e ainda tem muita coisa boa por vir. Te amo muito!

Não posso esquecer do meu cachorro Rudá, que é meu companheirinho dos dias e que me ensina muito sobre amor; das minhas amigas queridas - Larissa, Hévila, Laila, Monique e Simone - e meu amigo Lucas, tão importantes no meu caminho e que, mesmo distante fisicamente, eu sei que os tenho comigo; aos colegas e amigos da universidade, em especial a José e Lauro, pelas ajudas e risadas que tornaram essa trajetória mais suave; à professora Renata Wilner, pela orientação no meu projeto de extensão e toda colaboração que se dispôs durante todo o processo; e à psicóloga Aline, por me fazer lembrar de quem sou, minha história, minhas potências, por me ajudar a estar preparada a enfrentar o que surge e, também, por me recordar sempre que somos livres há tempos e que nada vale a nossa saúde e nem a nossa paz.

Por fim, eu gostaria de agradecer à minha orientadora, Maria Betânia, por ter me feito acreditar sobre a importância de eu escrever sobre o que eu crio e por toda a dedicação e orientação para que esse trabalho de conclusão de curso fluísse.

Agora é continuar!

“África é longa metragem,
mas eles querem que seja um curta”
(Afro Rep, Rincon Sapiência, 2017)

RESUMO

O objetivo desse trabalho de conclusão de curso foi mapear meus trabalhos realizados entre os anos de 2020 a 2024 e buscar entender sobre como se deu o processo criativo para analisar a forte presença das formas geométricas e uso das cores em minhas obras. Ao longo do texto, percorri por visitas a memórias e histórias que vivenciei e que ouvi, tudo isso em uma trilha para compreender as fontes que me abastecem, bem como apresentei referências de artistas que também utilizam das geometrias e cores como linguagem em suas obras artísticas. Entre alguns parâmetros, trouxe a ancestralidade e a identidade como balizadores para a minha condição de criadora, no intuito de também destacar o quanto que ser uma mulher negra em sociedade coincide com atravessamentos que influenciam as minhas criações e o quanto isso aproxima pessoas que se identificam com o que comunico com o que crio.

Palavras-chave: Geometrias; Cores; Memórias; Identidades; Artes Visuais.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo de fin de curso fue mapear mis trabajos realizados entre los años 2020 y 2024 y tratar de entender cómo se dio el proceso creativo para analizar la fuerte presencia de las formas geométricas y el uso de los colores en mis obras. A lo largo del texto, hice un recorrido por memorias e historias que viví y escuché, todo esto en un camino para comprender las fuentes que me nutren, así como presenté referencias de artistas que también utilizan geometrías y colores como lenguaje en sus obras artísticas. Entre algunos parámetros, traje la ancestralidad y la identidad como balizas para mi condición de creadora, con el fin de destacar también cuánto el ser una mujer negra en la sociedad coincide con intersecciones que influyen en mis creaciones y cuánto eso acerca a personas que se identifican con lo que comunico con lo que creo.

Palabras clave: Geometrías; Colores; Memorias; Identidades; Artes Visuales.

SUMÁRIO

1	O que flui daqui.....	11
2	A Arte ela não chegou... Ela veio desde “as de antes”.....	15
3	O que gira aqui dentro.....	35
4	Do meu fluir: para e com o mundo.....	47
5	Referências.....	54



1.O que flui daqui

Adentrar no universo da arte foi, para além de uma escolha, uma oportunidade. Como um destino levado por guias. Intuitivo? Destino? Não sei se são essas palavras. Mas, aqui estou eu.

Eu não fui em busca de algo com o que eu me identificasse. Foi um processo natural a iniciação do fazer esboços. Foi um processo de descoberta e percepção de elementos que fazem parte de mim, até muito mais do que eu conseguia imaginar.

Tudo isso “depois dos trinta”, pelo menos conscientemente, afinal, quando vem uns lampejos na memória, eu percebo que tímidos movimentos de criações artísticas sempre estiveram presentes.

Acontece que muitas coisas externas e percalços da vida me puxaram para outros extremos. Eu sinto que, muitas vezes, eu queria um tempo e maneiras para externar as ideias que tinha, mas que várias coisas aconteciam ao redor e também dentro de mim. Então, essa conexão com a arte foi ficando para depois.

Foram tantos caminhos... A escolha de uma graduação anterior em Direito, por um propósito de resolução de questões que achava que estavam ao meu alcance. Mas o resultado foi certa desilusão, o não encontro, apesar de várias tentativas de me encaixar.

Hoje, após um processo de ressignificação, encaro aquela fase como um degrau. Parte da minha história. Como dizem, “conhecimento não se perde”. E realmente, eu sei que isso me fez tramitar em processos que também me constituem e me permitem desenrolar na parte da vida que vai para além do fluir. Que me fazem entender um pouco das burocracias que a vida em sociedade nos submete. Mas, também, me trouxe as travas da formalidade, da seriedade excessiva, das desconfianças. Coisas que estou em processo de destrave; que a arte tem me ensinado a flexibilizar mais.

Retornando ao contexto da conexão, do intuitivo, da sensibilidade da(s) arte(s) que faço, adianto que quando permiti que minhas mãos mostrassem para mim um pouco do tanto que me atravessa, a geometria logo se mostrou. Iniciei tentando um local mais seguro, através das mandalas. Depois foram chegando outras formas, com uso de réguas ou, até mesmo, sem elas. O treino foi me mostrando como fazer, naturalmente, linhas retas, mas também a desconstruí-las. Primeiro os aprendizados sobre as técnicas, depois a permissão da leveza e da liberdade.

Percebi a geometria, retinha, desconstruída ou curvilínea, como meu universo. É o que me encanta em trabalhos que vejo e que faço. Separadas, misturadas. Eu vejo nelas oportunidades. Vejo o sagrado. Vejo identidades. Vejo movimento, ritmo. O mesmo digo sobre as cores.

Neste trabalho final de conclusão de curso, minha pretensão foi mergulhar no estudo sobre o meu processo criativo e mapear minha produção artística entre os anos de 2020 a 2024, para analisar a presença das formas geométricas e uso das cores em minhas obras. Percebo que preciso investigar quais fontes me abastecem enquanto criativa, para registrar para mim, para expor sobre mim, e, quem sabe assim, inspirar cada um em caminhos próprios de autopercepção e, quiçá, produção artística. Outro ponto é que, com a pesquisa, busquei compreender de que forma influências sociais, implícitas ou não, bem como nossas vivências, podem vir a influenciar o processo criativo e a formação enquanto artistas visuais, assim como, através das nossas obras, também geramos uma devolutiva através das identificações e atravessamentos causados por elas.

Quando falo sobre autopercepção, não poderia deixar de destacar que sou uma simbiose de fatores - sociais, políticas, espirituais, culturais - e, entre muitas coisas, sou uma mulher preta e que, enquanto artista, meu processo criativo é influenciado pelo que me cerca e me atravessa. Conforme as educadoras brasileiras Annelise Fonseca e Isabella Rizzo (2017, p.1491):

(...) dentro de um processo criativo, não existem elementos exatos que irão afetar o artista de maneira programada, mas, sim inúmeros fatores que não podem ser explicados sem um estudo sobre a produção final e seu desenvolvimento. Pois, sabe-se que o artista é afetado por tudo à sua volta e, como todo ser humano, carrega consigo uma história, que estará presente em suas produções, mesmo que seja inconscientemente.

Diante disso, por meio da pesquisa investigo a forma e os motivos de o uso da geometria e das cores se colocarem enquanto ferramentas artísticas para que eu percorra esse caminho de identidade e de identificação. Através da análise de inspirações, fontes e influências enquanto artista afetada pela posição que ocupo enquanto ser social, observo como me revelo enquanto artista e as razões que fazem outras pessoas também serem atravessadas por minhas obras, o que sei por ouvir relatos como “eu me vejo nas suas artes e elas parecem ter sido feitas para mim”.

As geometrias e as intensidades de cores são instrumentos de afirmação sobre tudo o que flui aqui dentro de mim, de uma maneira que nunca coloquei em palavras escritas, só

mesmo em imagens e algumas poucas declarações. Chegou, então, o momento de aprofundar ainda mais a fundo sobre esse fluir e “colocar no papel”.

A metodologia de pesquisa utilizada é a qualitativa cartográfica, onde estou na posição de criadora, artista e pesquisadora que não percorrerá um caminho linear para atingir um resultado predeterminado, mas que o trilha por meio de exercícios da memória, algumas vezes com referência a lembranças, informações e experiências que vivenciei/vivencio. Essa sistemática foi a mais assertiva para a realização das investigações, afinal, conforme as pesquisas das artistas visuais brasileiras, Indira Richter e Andreia Oliveira (2017, p.30),

no método cartográfico, não buscamos um resultado, uma conclusão de fatos, e sim, pensamos o próprio processo de pesquisa, em si: suas etapas, seus desvios, seus “erros”, e tudo que dali puder vir a se tornar potência para a pesquisa.

Portanto, após esse mapeamento das minhas produções artísticas entre os anos de 2020 a 2024, analisei a presença das formas geométricas e uso das cores em minhas obras e, a partir disso, aqui apresento as reflexões a que cheguei após esse processo. O presente texto está dividido em três partes: na primeira abordo sobre memórias, vivências e também como, enquanto ser social, sou atravessada pelo que está à minha volta e como tudo isso transpassa os meus processos criativos, correlacionando com o mapeamento de algumas das minhas obras produzidas entre 2020 e 2024; na segunda, explico sobre o meu processo de criação, bem como referencio leituras sobre processos de criação de artistas que me inspiram e que me ajudaram a encontrar caminhos de decifração acerca do que gira aqui dentro de mim; por fim, na terceira, apresentei as reflexões e percepções que cheguei após esse processo de análises, bem como alguns caminhos que pretendo continuar a analisar no âmbito do uso das geometrias e cores enquanto ferramentas de comunicação no campo das artes.

2.A Arte, ela não chegou...



Ela veio desde “as de antes”

Sei que tudo o que produzo vem do muito que já me atravessou e atravessa. Entre as primeiras coisas que pontuo quando vou falar sobre o que faço, menciono pessoas que antecederam a minha existência. Em primeiro plano, sempre menciono a minha mãe, Maria Lúcia, que me incentivou à criação através dos desenhos, da pintura e das bijuterias que eu ajudava ela a confeccionar. Ela era a pessoa a quem assistia fazer moldes e costurar roupas. Minha mãe, que foi professora até alguns anos antes de eu nascer, se viu em necessidade de dedicar os seus dias às atividades profissionais dentro do seu próprio lar para conciliar com a criação de três filhos. Ela que era dona de uma mente em constante movimento, que buscava gerar a sua renda própria através de atividades “manuais”, sendo a costura um ofício que também aprendeu com mulheres que a circulavam, incluindo a minha avó.

Para além da costura, ela também buscava fazer demais cursos, entre eles, o de criação e confecção de bijuterias. Minhas tardes eram momentos para fazer as tarefas escolares e que também observava minha mãe criando.¹ Às vezes, eu pedia para ajudá-la e então ficava ali responsável por alguns acabamentos ou partes de peças.

Acontece que, apesar de todo o esforço empregado por ela na criação e na confecção, o retorno era árduo. Nem sempre havia a valorização de todo aquele trabalho de criação e, dentro de um contexto de uma sociedade ainda bastante machista, o trabalho feito por uma mulher e, principalmente, dentro do ambiente doméstico, não era tão valorizado, principalmente se comparadas às exercidas por homens. Segundo, nos alerta Márcia Alves da Silva (2015, p. 4),

abordar a temática do trabalho feminino nos remete à necessidade de definirmos a concepção de trabalho à qual nos aliamos. Isso se deve ao fato de que as concepções tradicionais sobre trabalho formal e/ou mercado de trabalho não dão conta de uma diversidade de atividades historicamente exercidas por mulheres e que, muitas vezes, 'escapam' das estatísticas oficiais. Dessa forma, há a necessidade de ressignificarmos esse conceito, incorporando e nos apropriando de elementos advindos de uma produção específica com esse intuito,

¹ Devo aqui mencionar que, acompanhar minha mãe nesse processo de criação até ver as peças prontas - roupas, colares, brincos, pulseiras -, verdadeiramente foram minhas primeiras lições sobre processo criativo na prática. Eu sempre olhei o que ela fazia e admirava toda sua inteligência, criatividade, cuidado, senso estético. Amava ver quando ela fazia esboços, moldes, escolhia exatamente quais miçangas ou metais iria utilizar. Aquelas foram sim as primeiras lições sobre o fazer artístico com os quais eu tive contato. O mesmo ocorria às vezes em que eu podia conversar com minha avó sobre as colchas de cama que ela criava e costurava; sobre os rascunhos que uma tia fazia e depois passava para um bordado; sobre os ingredientes que uma outra tia avaliava a qualidade, separava, preparava e depois ia juntando para fazer pratos de comida que nos alimentava.

especialmente oriundos da teoria feminista. Trata-se de um campo de estudos que está longe de esgotar sua produção, mas que aponta vários caminhos promissores.

Dessa forma, podemos afirmar que as mulheres sempre trabalharam, embora seu trabalho tenha sido desvalorizado pelo capitalismo, que passa a valorizar as atividades que geram mais-valia e que são executadas em espaços públicos, menosprezando-se o espaço doméstico. Por isso nos aproximamos do conceito de divisão sexual do trabalho (Hirata, 2002; Hirata; Kergoat, 2007; Kergoat, 2003), que dá conta das atividades exercidas historicamente por mulheres e, além disso, reconhece que a divisão social do trabalho é marcada pelas diferenças de gênero, pois "o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um 'destino' biológico, mas sim de construções sociais".

Assim, diante de todo o contexto de baixa valorização de atividades como a que exercia, apesar de amar o que fazia, pensando o melhor para o meu futuro, não era esse mesmo caminho que minha mãe incentivava para que eu seguisse. Enquanto mulher, o que ela desejava para mim era a conquista de autonomia financeira e estabilidade, o que era visualizado se eu seguisse algumas das atividades que estivessem dentro do campo das concepções mais tradicionais, vistas como “mais seguras”, o que não incluía, por exemplo, uma carreira artística.

À época do desencarne da minha mãe, em 2010, eu estava próxima a concluir a graduação em Direito, o que se concretizou em 2012. Durante nove anos após essa formação, a minha principal atividade foi a advocacia. Acontece que a satisfação pessoal não chegava, mas sim um desencaixe que não sabia explicar em palavras. O sentimento de necessidade de mudança permeava, mas eu não conseguia visualizar o caminho que queria seguir.

Em 2019, momento em que iniciei a buscar formas de transicionar para outra carreira, eu mudei para Recife. Essa mudança foi um grande desafio para mim, pois passei a morar em uma cidade ainda pouco conhecida, que havia visitado poucas vezes, e onde não tinha nenhum dos meus amigos ou familiares, com exceção do meu companheiro.

Era tudo muito novo para mim. Como chegamos aqui no mês de maio, até o mês de novembro eu dividia meu tempo entre trabalhos e estudos para o ENEM, pois já tinha vontade de fazer outra graduação, o que resultou na minha aprovação e entrada no curso de

Artes Visuais. Ali vi a oportunidade de ter trocas com as pessoas que iria vir a conhecer e também de me ambientar mais na cidade.

Ocorre que, em março de 2020, na primeira semana de aulas da graduação, veio a notícia da pandemia da COVID-19 e, em paralelo, as medidas públicas de contenção, o que culminou na suspensão das aulas presenciais. Havia aquela ideia de que seria algo rápido, por tempo determinado de quinze dias, mas, como se sabe, durou meses. A sensação de indefinição de quando tudo aquilo iria acabar era geral.

Foi aí que, para ocupar a mente, iniciei um curso online de confecção de mandalas. Foram ensinadas várias técnicas de criação, tanto com desenho em papéis, como pinturas em vidros, amarrações em tecidos. Mas, a que mais me chamou atenção foi a pintura em madeira/MDF. Logo a lista de compras online eram as tintas, pincéis e bases redondas em MDF de diâmetros diversos. Além disso, régua e compasso. Foi ali que a geometria começou a adentrar nas minhas criações, assim como as cores.

Era uma atividade terapêutica desenhar aquelas mandalas, escolher as cores, os tons, os contrastes. Também a junção de formas, o treino da coordenação motora ao desenhar elementos e arabescos. Tudo aquilo me encantava e eu conheci trabalhos de muitas outras pessoas que também faziam mandalas, as quais muito me inspiravam em suas técnicas.

Ocorre que, com o tempo, eu senti a necessidade de ver, em minhas criações, algo que me identificasse, que dissesse sobre o que acredito. Algo que comunicasse sobre mim. Passei, então, a experimentar outras formas e tons de cores que via beleza quando unidos, sem necessariamente seguir regras padrões de combinações. Tudo isso me direcionou a começar um movimento de investigação de poéticas próprias, de essências minhas que, até então, estavam guardadas e que eu não explorava.

Em meio às muitas questões e ideias que estavam a permear minhas reflexões, um grande despertar chegou quando uma amiga encomendou a mim a confecção de uma mandala com um adinkra² desenhado ao centro, o Sankofa³. Além disso, ela também queria que a

² Adinkra é um sistema de imagens que transmite a sabedoria ancestral do povo Akan, um grande grupo da Costa do Marfim e de Gana que inclui o povo Bono, Kwahu, Gyaman, Fante, Asante, entre outros. Sankofa traz a pintura ou escultura de um pássaro com a cabeça voltada para trás, ocasionalmente retirando um ovo das costas. Também pode ser representado como um coração estilizado. SILVA, Marisa Francisca da. “Voltar Atrás”: Uma Contemplação sobre o Pássaro e o Adinkra Sankofa na Cultura Afro-brasileira. São Paulo, 2023. Disponível em: Acesso em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/nhengatu/article/view/66752/44901> >. 30 jul. 2024

³ Conforme nos explica o doutor em filosofia e professor Renato Nogueira, “o passado é importante porque diz de onde partimos, sem conhecermos o passado é difícil entender o caminho que estamos fazendo. Esse é um dos sentidos de sankofa. O provérbio Akan diz: ‘se wowerefi na wo sankofa yenkyi’ [nunca é tarde para voltar e buscar o que ficou para trás, ou, Nunca é tarde para voltar atrás e apanhar o que ficou para trás].” NOGUERA, Renato. Denúncias e pronúncias: estudos afroperspectivistas sobre infâncias e educação das relações étnico-raciais. Rio de Janeiro, v. 16, e48335, 2020. Disponível em <

mandala trouxesse representações que remetem-se a ideias acerca das formas como viver em comunidade nos concede acolhimento e nos orienta em nossos caminhos.

Foi nesse movimento em que ela buscava uma arte que representasse significados que estavam a guiar os caminhos dela, que também me senti acolhida e reconhecida no que fazia, bem como me fez refletir, na prática, como o meu caminho de encontro com a minha arte ultrapassa o meu ser. O sankofa ao centro me fez pensar em como a minha história é guiada pelos aprendizados e sabedorias de outrora que carrego comigo, que sou um ser em meio a outros seres que também passam por esse processo e que, enquanto uma comunidade que guarda infinitudes de histórias particulares, nós dançamos em gira, “cirandamos”, em uma construção conjunta de outros futuros diversos. E essa gira é contínua.

Assim, a mandala Sankofa, que apresento abaixo, foi um importante início entre as minhas explorações enquanto artista em construção. Foi um relevante passo lá de trás que ainda guia reflexões presentes em meus processos de criação.

Figura 1: Mandala Sankofa, 2020, pintura em acrílica sobre MDF



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora, Recife, 2020

Ainda nesse movimento de construção de novos futuros baseados em um presente guiado por aprendizados do passado, devo dizer que esse processo me levou a, por volta de setembro de 2020, criar uma marca de adornos - colares e brincos - pintados à mão: a “Do meu fluir”. Já familiarizada com as pinturas das mandalas em madeiras e em MDF, passei a diminuir os diâmetros das peças para adequar a tamanhos que pudessem ser utilizados como brincos e colares, bem como pus em prática técnicas que aprendi, quando era criança, ao observar e ajudar a minha mãe quando ela criava e confeccionava bijuterias.

Devo mencionar que os trabalhos com os adornos começaram de modo tímido, mas logo ocuparam uma maior proporção dentro das minhas práticas. Iniciei as criações com a aplicação do pontilhismo, que é uma técnica minuciosa, feita ponto a ponto, que exige bastante atenção e perícia. Muitas pessoas gostavam e faziam encomendas. Passei, então, a lançar temas de coleções e optar por cores que contrastavam e evidenciavam os detalhes geométricos e os efeitos visuais gerados pelas proximidades e diferenças de tamanhos dos pontos, conforme mostra a Figura 2.

Figura 2: Foto dos colares da Coleção Transições, com aplicação de técnicas de pontilhismo, 2021.



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora, Recife, 2021

Figura 3: Mandala feita com a utilização de técnicas de pontilhismo, 2021.



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora, Recife, 2021

Por um tempo, essa foi uma técnica base do meu trabalho. Foram dias prazerosos em que criava peças, grandes e pequenas, prestava atenção a cada ponto, às proximidades entre eles, às cores de cada um. Para mim, apesar de conviver com uma mente um tanto acelerada, aquele exercício me puxava para um estado muito bom de concentração e calma. Eram horas e até dias dedicada a uma peça ou mandala.

Ocorre que, em outubro de 2021, recebi um convite para expor minhas produções em um estande colaborativo de artesãos na XIII Bienal Internacional do Livro de Pernambuco. O chamado ocorreu em uma segunda-feira e, para não perder a oportunidade, eu deveria estar pronta para expor já no dia seguinte, pela manhã.

Aceitei o desafio e levei algumas mandalas e colares que tinha disponíveis, porém, para poder continuar a comercializar durante todo o evento, necessitava ter mais peças para ofertar e, para isso, precisaria, após finalizar cada diária do evento, que acontecia das 10h às 21h, aumentar a quantidade de produtos. Como o tempo era curto, não havia como fazer mandalas e nem peças com detalhes ponto a ponto. Assim, precisei usar a estratégia combinada com a criatividade ao meu favor.

Logo nos primeiros desenhos e pinturas, o que surgiu foram brincos ainda mais focados em geometrias e cores, o que fluiu de mim de uma forma muito natural e prazerosa. Ao levar esses novos adornos para o evento, percebia os olhares de interesses das pessoas aumentarem. Elas, em sua maioria mulheres negras, relatavam que, ao verem a estética daqueles adornos, vivenciavam a sensação de “se verem ali”. Uma sensação de identificação, a qual também senti quando comecei a criar e produzir aquelas peças.

Figura 4: À esquerda e à direita, foto dos brincos e colares de produção autoral, pintados à mão sobre MDF, que foram expostos na XIII Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, 2021.



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora, Recife, 2021.

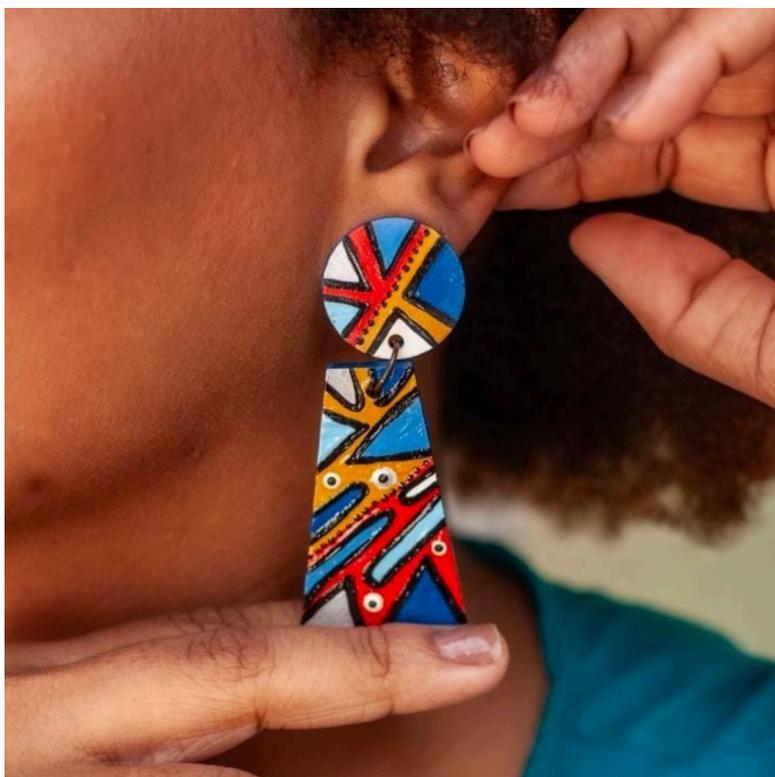
Foi através das peças que confeccionei, da identificação que senti com o que passei a ofertar e, também, após ouvir os citados relatos, que comecei a perceber o trajeto que queria percorrer com minha produção artística. Após o evento, minhas principais produções

passaram a ser ainda mais focadas nos adornos - brincos e colares - marcados pelas geometrias e cores. Essa estética, inclusive, passou a ser reconhecida por quem acompanhava o meu trabalho e ser associada ao meu fazer artístico.

Vivenciar essa experiência foi de grande importância para mim, tanto a nível profissional/artístico quanto pessoal. Foi a partir dali que percebi ainda mais o quanto tudo o que estava a produzir também falava sobre mim individualmente, mas também sobre uma coletividade da qual eu faço parte.

Com a prática e constância, passei a ter um domínio maior sobre os materiais de produção, técnicas de envernizamento, bem como aprimorar a estética das peças. Cada vez mais os adornos passaram a ter mais aceitação pelo público e passei a pensar e criar mais artes, pesquisar mais referências. Tudo isso me capacitou mais e oportunizou ser convidada a expor minhas criações em lojas colaborativas, participar de formações, desfiles, eventos, além de estar presente em diversas feiras locais e nacionais, a exemplo da 22ª edição da FENEARTE e do Festival Feira Preta 2024. Devo destacar que, a maior parte das participações citadas, se deram em conjunto a outros negócios criativos também dirigidos por afroempreendedores.

Figura 5: Foto da modelo Raelli Vieira usando o brinco Esmerar , 2023, pintura em acrílica sobre MDF.



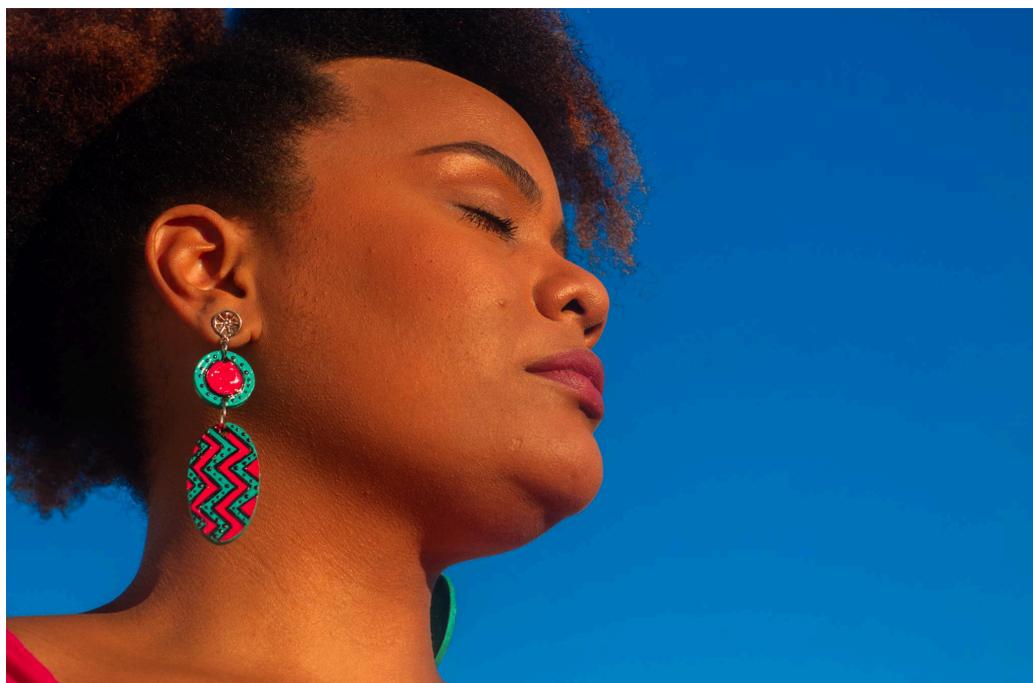
Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de autoria de Rafaela Silva, Recife, 2023

Figura 6: Foto da modelo Raelli Vieira usando o brinco Ocupar, 2024, pintura em acrílica sobre MDF.



Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de autoria de Rafaela Silva, Recife, 2024

Figura 7: Foto da modelo Raelli Vieira usando o brincos, 2024, pintura em acrílica sobre MDF.



Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de autoria de Rafaela Silva, Recife, 2024

Figura 8: Foto dos afroempreendedores de moda autoral selecionados para ocupação de estandes de negócios no Festival Feira Preta 2024, que ocorreu no Parque Ibirapuera, São Paulo-SP, em maio de 2024.



Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de autoria de Marcelo Renan, São Paulo, 2024.

Assim, devo afirmar que os trabalhos com as geometrias em brincos e colares são o meio principal do meu trabalho artístico. A quantidade de modelos de adornos cresceu e tem sido um importante veículo de circulação de minhas criações, inclusive através de coleções, como foi o caso da Coleção Estampa, em que exponho abaixo algumas das peças integrantes.

Figura 9: Foto do colar Estampa, usado pela modelo Raelli Vieira, 2024, pintura em acrílica sobre MDF.

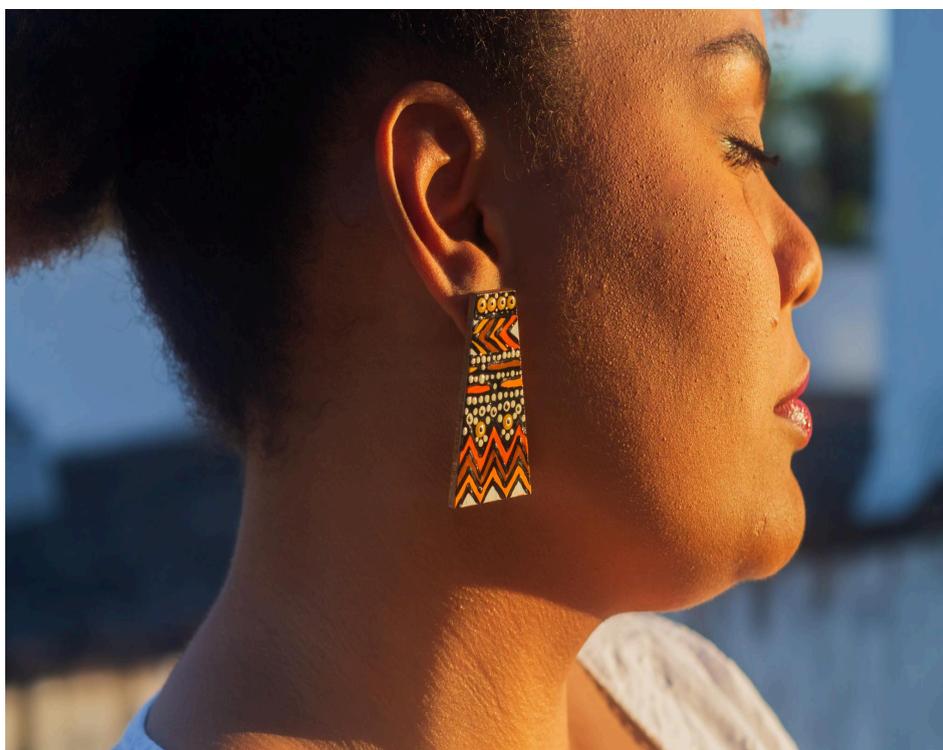


Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de autoria de Rafaela Silva, Recife, 2024.

Figura 10 e 11: Foto dos brincos Estampa, usados pela modelo Raelli Vieira, 2024, pintura em acrílica sobre MDF.



Fonte: Arquivo da pesquisa, fotografia de autoria de Rafaela Silva, Recife, 2024.



Fonte. Arquivo da pesquisa, fotografia de autoria de Rafaela Silva, Recife, 2024.

A Coleção Estampa surgiu em 2023 e minhas principais inspirações para a sua criação foram pesquisas estéticas acerca de pinturas manuais que são feitas por mulheres da região do Tiebélé, localizada em Burkina Faso, que decoram as suas casas com tintas feitas à base de terra e sumos de plantas. Nessa vila, que se tornou, em 2012, Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, cada residência possui seus padrões de pintura e cor, o que garante a cada uma delas uma identidade única. Já sobre as cores que selecionei para pintar as peças, elas foram inspiradas em um Bogolan, que é um tecido de algodão originado do Mali, tradicionalmente confeccionado manualmente e tingido com lama fermentada.

Figura 12: Mulheres da região do Tiebélé, localizada em Burkina Faso, que decoram as suas casas com tintas feitas à base de terra e sumos de plantas.



Fonte: GRILO, Natália. Padrões e Murais nos Lares Africanos - A arte do Ventre. Revista Di Cheiro, Rio de Janeiro, 1ª edição, mai, 2020, p. 12.

Figura 13. Tecido Bogolan



Fonte: Disponível em: <https://coloursof africa.com/shop/home-decor/bogolan-mud-cloth/bogolan-cloth-brown/> .

Acesso em: 14 ago. 2024

Ao confeccionar os adornos da coleção, intencionalmente deixei marcadas nas formas geométricas a organicidade do fazer manual, bem como optei por combinações entre tons terrosos justamente para trazer a ideia de raízes ancestrais. Devo pontuar ainda que, apesar de se tratar de uma coleção, assim como todas as outras coleções que criei na minha marca, faço questão de não firmar uma temporalidade para a oferta e produção das peças. Sempre que sinto a necessidade de revisitar, agregar estéticas já criadas ou mesmo de reproduzi-las, assim faço em novas criações, pois não tenho elas como produções lineares, com início e fim, mas sim, cíclicas e que se retroalimentam, como início-meio-início.

Após mais de três anos focada na oferta de brincos e colares pintados à mão, senti a vontade de também agregar meu fazer artístico em outras bases. Devo dizer que, após participar de mais eventos e ter mais contato com redes de criadores, passei a ingressar em estudos sobre moda autoral e também ser reconhecida como criativa nesse campo. Passei a entender que a arte que fazia encontrava a moda enquanto um espaço de trânsito.

Nesse viés de desejos de expansões, no ano de 2023 acessei a informação da abertura da chamada pública do edital de Bolsas de Incentivo à Criação Cultural (BICC), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A convocação tinha por objetivo fortalecer o protagonismo estudantil na concepção e desenvolvimento de obras e/ou ações inéditas e autorais de valor artístico-cultural. Para isso, foram concedidas quarenta e cinco bolsas, pelo período de seis meses, a estudantes de diferentes cursos de graduação da UFPE onde, como produto, deveriam ser realizadas mostras, exposições, performances e diferentes criações artísticas, com exibição de resultados dentro e fora dos espaços da Universidade.

Nessa oportunidade, submeti à candidatura o projeto Artestampa Manual - Estamparia Autoral em Tecidos, que consistiu na proposta de autoria de 07 (sete) tecidos estampados manualmente, sob variadas técnicas, que seriam expostos em mercados públicos de Recife e Olinda, bem como no campus da UFPE Recife.

Minha decisão ao escolher esses espaços para exposições, principalmente os dois primeiros, veio das referências de formas como, em alguns mercados públicos - como o de Kumasi, localizado em Gana, o de Maputo, situado em Moçambique, a Feira de São Joaquim, referência na cidade de Salvador -, são expostos tecidos estampados para comercialização e como, ainda que indiretamente, essa maneira de os comerciantes ofertá-los aos compradores permite a qualquer pessoa que circula nesses locais a apreciação de verdadeiras obras artísticas.

O projeto⁴ foi aprovado e, ao longo dos seis meses, aprofundei estudos estéticos sobre tecidos como Capulanas, Kuba, Kente e Bogolan, bem como técnicas diversas de estamparias e tingimento, como o Batik e o Adire. Alinhada a isso, em mim existia a vontade de criar estampas com padrões visuais que destacassem formas geométricas, linhas e cores vibrantes, afinal eu queria continuar com minha poética artística ao mesmo tempo em que iria experimentá-la em outro suporte.

Após finalizadas, essas estampas foram expostas publicamente em espaços públicos como o Mercado Eufrásio Barbosa, em Olinda, a Casa da Cultura de Pernambuco, em Recife, a Galeria Capibaribe, localizada no Centro de Artes e Comunicações da UFPE - campus Recife, e no Instituto de Arte Contemporânea - UFPE.

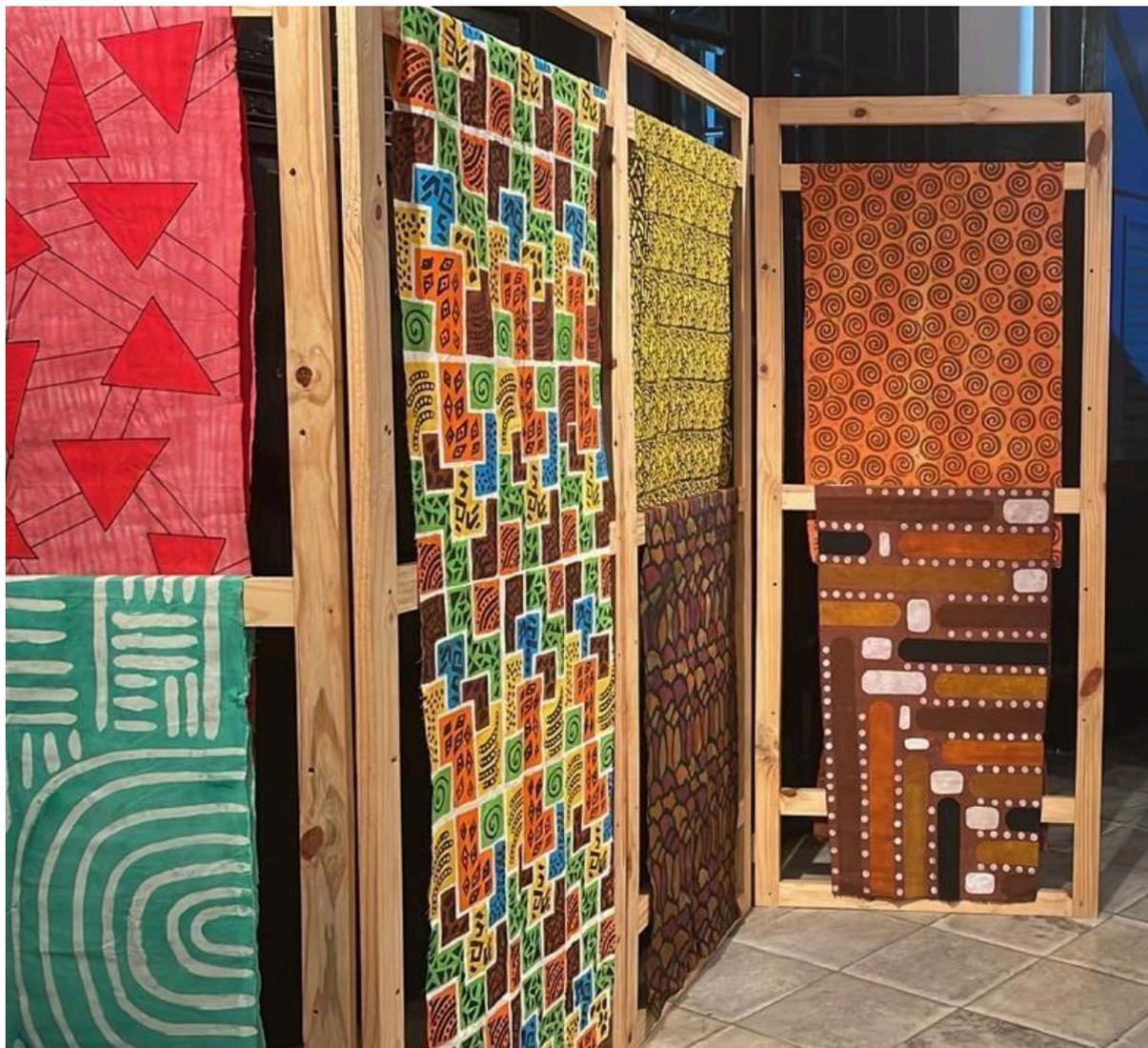
Figura 14: Exposição Artestampa Manual – Estamparia Autoral em Tecidos no Mercado Eufrásio Barbosa - Olinda - Pernambuco, 2024, tingimentos e estamparias manuais em tecidos.



Fonte. Arquivo da pesquisa, produção da autora, Olinda, 2024.

⁴ O projeto foi realizado com orientação pedagógica da prof^a.Dr^a. Renata Wilner e coordenação técnica de Marcelo Renan Oliveira de Souza.

Figura 15: Exposição Artestampa Manual – Estamparia Autoral em Tecidos no Exposição no IAC/UFPE



Fonte: Fotografia de autoria de Joana D'arc, 2024

As exposições, assim, transitaram entre a mostra das produções e a intervenção em espaços públicos. Através da provocação para a observação da nuance da produção artística em diálogo com a vida cotidiana, quis chamar a sensibilidade dos olhares para o fato de que, antes mesmo de suas aplicações em roupas, acessórios, itens de decoração, entre outros modos de uso, a estamparia é uma técnica artística e seus resultados são obras de arte.

Devo dizer que fiquei bastante contente com a repercussão e as devolutivas acerca dos resultados do projeto e isso me trouxe muitas ideias para agregar essas práticas à minha marca. Ao longo dos meus processos de criação e confecção das estampas, percebi que, novamente, vivi um processo de rememoração de vivências anteriores que tive com a minha mãe, pois durante os processos de criação das estampas pude retornar à proximidade e

manuseio dos tecidos. Mais uma vez me senti em um movimento de buscar em sabedorias anteriores o conhecimento para seguir no presente. Nesse sentido, Joël Candau (2012, p.9) diz que “a memória é acima de tudo uma reconstrução continuamente atualizada do passado” e que a memória e identidade estão inexoravelmente ligadas. Como já citei, cresci a observar a minha mãe trabalhar com tecidos à máquina de costurar, além de ter lembranças das colchas de cama que a minha avó materna fazia. Estabelecendo um diálogo com o que diz o autor, ele reforça que as lembranças que guardamos de cada época de nossa vida, se reproduzem sem cessar e são essas lembranças que contribuem para sedimentar o sentimento de nossa identidade. De fato, até mesmo tocar em tecidos, para além da sensação tátil, me trouxe memórias de muita sabedoria e saudades, compreendendo como a memória tem o poder de nos conectar com as pessoas que marcaram nossa vida.

Nessa posição de criação, que considero hoje que é processual e de constante construção - não necessariamente linear ou totalmente consciente -, estou a compreender que a minha poética é bastante baseada em memórias e na afirmação de identidade. A memória está presente nas formas como eu oferto a minha arte: através da criação dos adornos, que lembra os aprendizados que absorvi quando minha mãe confeccionava bijuterias, e através da criação das estampas, que me trouxeram novamente à proximidade com os tecidos, materiais que sempre via em casa quando ela costurava. Já a afirmação da identidade passou a se estabelecer a partir do momento em que passei a me enxergar nos meus trabalhos, bem como ao perceber outras pessoas em conexão com eles. Segundo nos ensinou o poeta Aimé Césaire (Césaire, 2010, p.108-109),

a Negritude, aos meus olhos, não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretenciosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas. Como não crer que tudo aquilo que tem sua coerência constitui um patrimônio? É preciso mais para construir uma identidade? Os cromossomos me importam pouco. Mas eu creio nos arquétipos. Eu creio no valor de tudo aquilo que está enterrado na memória coletiva de nossos povos e mesmo no inconsciente coletivo. Eu não creio que se chegue ao mundo com o cérebro vazio, como se chega com as mãos vazias. Eu creio na virtude

formadora das experiências seculares acumuladas e do vivido veiculado pelas culturas [...] Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade.

Eu percebo que nunca foi uma escolha consciente seguir por esses caminhos ou ter um determinada poética enquanto artista. Entendo que o que aconteceu comigo foi um fluir nas criações e que, hoje, eu consigo me dar conta de que ao longo de todo esse processo eu fui me aproximando cada vez mais do que eu via a minha mãe fazer e que tudo isso se agrega às minhas experiências e vivências próprias enquanto mulher negra em sociedade.

Quando falo sobre essas vivências próprias, preciso ressaltar que, enquanto ser em continuidade, também percorri caminhos particulares. Isso porque toda a minha experiência geracional, bem como espacial, foram diferentes das de outras pessoas que vieram antes de mim.

Diferente da minha mãe, nasci e cresci na cidade mais negra fora do continente africano. Já minha mãe, que nasceu em São Paulo, foi ainda criança viver no interior da Bahia, em razão da necessidade dos meus avós maternos retornarem para o estado de origem deles após não obterem êxito na tentativa de morar na capital paulista. Foi no ambiente de uma cidade menor e rural que minha mãe cresceu e teve as suas vivências próprias. A mudança dela, já adulta, para a capital baiana, na oportunidade do casamento com o meu pai, que era soteropolitano, foi o fator para que a nossa família se instalasse em Salvador, lugar onde nasci⁵ e cresci.

⁵ O meu nascimento ocorreu em 1988, ano este em que se deu o centenário da abolição da escravidão no Brasil, que se completou dez anos do Movimento Negro Unificado (MNU), que bem como em que ocorreu a promulgação da Constituição vigente, a qual surgiu com uma tônica de construção de uma nova democracia. Foi a primeira vez que, em uma constituição brasileira, o racismo passou a ser enquadrado como crime inafiançável e imprescritível, o que se concretizou em razão das lutas e pressões das articulações de movimentos negros. Em contrapartida, esse era o único artigo que previa algo específico referente à população negra. No contexto local da cidade onde eu nasci, entre os muitos movimentos do ativismo negro, também era basilar a valorização da cultura afro-brasileira. Já se vivia a efervescência de toda a revolução cultural e estética promovida pelo primeiro bloco afro do Brasil, o Ilê Ayê. Também já se lançava o segundo álbum da banda Olodum, o Núbia Axum Etiópia, que continha músicas atemporais, como o “Protesto Olodum”. Além destes, se destacavam grandes artista e coletivos negros, como Lazzo Matumbi, Margareth Menezes, Banda Refexus, Edson Gomes e tantos outros. Aqui eu destaquei esses contextos culturais, pois acredito que a cultura é o que nos alimenta e sustenta; é o que vivemos e também nossas formas de resgates, de trocas, de preservações e de criações. A filósofa Katiúcia Ribeiro (2022), ao citar a antropóloga Marimba Ani, nos lembra que “a cultura é nosso sistema imunológico”. Portanto, eu não poderia deixar de enfatizar essas movimentações que buscavam resgates, formas de vivenciar o presente e construções de futuros dignos para a população negra, mas também como se desenvolvia uma catalisação de reconhecimentos de histórias, de identidades, de auto estima e olhares para riquezas herdadas, que precisavam ser mantidas e expandidas, não mais limitadas pelas óticas do racismo e das subjugações.

Parafrazeando Gilberto Gil, afirmo que *minha régua e o compasso* vieram do meu berço, de onde nasci e vivi. E é fantástico escrever isso e fazer, nesse momento, a correlação da régua e do compasso com a geometria, que é a estética principal que utilizei e utilizo nos meus trabalhos onde tanto me encontro. Geometrias estas que estavam presentes nos tecidos, nas estampas dos blocos afros da minha cidade, nos trajes das pessoas, nas artes, nos paralelepípedos das ladeiras. Além disso, as cores em suas vibrações e contrastes, presentes em tudo o que citei, mas também nas bancas das feiras, nos terreiros, nas festas populares, nas ruas, na culinária.

Enfatizo que tudo isso foi fundamental tanto para o meu desenvolvimento estético enquanto artista, mas também no aspecto da minha afirmação enquanto uma mulher negra na sociedade. Reitero que meu trabalho artístico foi e é ferramenta para meu percurso de auto identificação e afirmação de identidade. Através das minhas criações, percebo, como já dito, esse movimento do sankofa, de ir colher no passado os conhecimentos para percorrer no presente e ir em direção a um futuro que é ancestral. Além disso, todas as vezes que ouço as pessoas que se identificam com o que faço, tenho a sensação de pertencimento, o sentimento de comunidade.

No livro *Espírito da Intimidade*, a filósofa africana Sobonfu Somé (Somé, 2007, p. 31) nos ensina que

a comunidade é o espírito, a luz guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem espaço para contribuir. A comunidade é a base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem dádivas dos outros. Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido; não tem lugar que possa ir e sentir que realmente pertence a ele; não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham.

Assim, entendo que o meu trabalho é meu instrumento de fruição, mas também de memória, de resgates ancestrais, de contribuição e de pertencimento. É meu caminho de entendimento acerca de tudo o que gira aqui dentro de mim e que processualmente consigo

permitir que flua para o mundo. E será sobre o que circula nesse interno que vou destrinchar adiante.



Não é fácil falar sobre tantas coisas que giram aqui dentro. São muitas ideias, recortes, lembranças, inspirações e até elementos que não sei nomear, que ainda tenho a explorar. Assim como a arte que faço, o processo de escrita desse trabalho de conclusão de curso tem sido um caminho de *desengavetamentos* e de sínteses. E sei que o que estou a perceber não é fixo, afinal nada disso vai parar por aqui. Ainda estão por vir muitos caminhos avante.

O processo de criação, pra mim, nunca foi algo previsto, mas sim fruto de um movimento. O comum é que já saiba previamente o que quero criar, que pode ir de um brinco a uma estamperia em metros de tecido. Primeiro penso no tamanho da peça, no formato das bases e então providencio as ferramentas e materiais necessários. Aos poucos testo os traços, retas, curvas. É como um encaixe entre formas, junção de fragmentos que tanto podem ser iguais quanto diferentes, lineares ou curvilíneos. Busco estabelecer alguma conexão entre esses pedaços, o que origina imagens e efeitos visuais. Só depois penso nas cores.

As cores, do mesmo modo, também têm o objetivo de causar alguma sensação. Algumas vezes através de bastante contrastes, outras vezes com tons que se aproximam mas que têm suas diferenças notadas ao olhar. Nessas junções, busco criar efeitos aos olhos de quem vê. Por meio dessas formas, cores e efeitos visuais, sinto que me encontro e também me comunico. Existe algo que vai para além da junção de elementos: muito do que me atravessa, transmito através do que crio. É assim que encontro minha voz e então vou alimentando a minha poética.

Em inúmeras buscas de explicações sobre meus processos de criação, que me permitissem sintetizar explicações sobre as formas como esses atravessamentos estão em minhas artes, sempre me deparei com uma grande complexidade. Diante de algumas demandas sociais, mercadológicas e até acadêmicas sobre uma teorização dita mais racional acerca do meu trabalho, encontrei refúgios e sentidos genuínos em olhares sobre a arte que se aproximam mais do que me conecto. Não creio na arte enquanto uma manifestação de um artista/indivíduo genial, mas de quem se permite criar enquanto atenta seu olhar sensível ao mundo, aos seus atravessamentos, e que, ao se comunicar, agita os olhares sensíveis e atentos de outros, os quais vão sentir os movimentos segundo seus próprios atravessamentos e perspectivas.

Em um dos meus movimentos de busca por entender mais do que faço, após um tempo de reflexões, fiquei bem preenchida ao associar que essas junções de recortes de formas, de geometrias, de contrastes de cores ou tons, são, nem sempre conscientemente, minha forma de registrar fragmentos de histórias que ouvi dos mais velhos da minha família.

Desde criança ouvia muito os adultos conversarem. Sou a mais nova entre os meus irmãos e, entre os primos, era uma das poucas meninas. Naquela época, cada um tinha seus modos de brincar e geralmente meninas não eram aceitas nas “brincadeiras de meninos”. Então, ficava mais entre os adultos. Brincava sozinha ao mesmo tempo em que ouvia os diálogos, histórias. Aquilo, de muitos modos, também alimentava minha imaginação, uma busca de entender o porquê das coisas.

Já na adolescência passei a prestar ainda mais atenção a essas conversas. Nessa fase já fazia algumas perguntas, tudo porque tinha muita sede em encontrar um sentido lógico ou cronológico naquelas histórias. Acontece que algumas delas eram soltas, tanto por um sentido de as pessoas estarem mais velhas e não lembrarem de algumas coisas, ou mesmo porque não sabiam.

Essa minha posição de questionar às vezes era vista com alegria ou outras vezes encarada com um olhar de dúvida. “Por que essa menina quer saber de tanta coisa?”. Não sabia explicar os motivos, mas, cada vez que sabia de uma parte da história daquelas pessoas, mais encaixava partes minhas.

Hoje entendo que, para pessoas que vieram das condições sociais de onde eu vim, não era pregado o quanto é importante registrar o passado. Saber sobre os antepassados e suas trajetórias é um privilégio de poucos que não foram afetados pelas estratégias de apagamentos de memórias. Isso me leva a pensar no que diz Candau (2012, p.59):

A perda da memória é uma perda da identidade. Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si.

Assim, eu queria saber mais sobre de onde vieram os meus parentes, o que fizeram, o que conseguiram construir. Também gostaria de saber como conseguiram sobreviver, as potencialidades que conseguiriam desenvolver, qual cultura que os cercavam. A memória é tão importante que ela é um direito. Portanto, o prejuízo do acesso a ela é algo que afeta qualquer ser humano.

A filósofa Katiúscia Ribeiro, ao falar sobre história e apagamentos históricos, nos ensina que:

história é poder. E uma das bases que alicerçam o racismo é o epistemicídio. O epistemicídio chega antes da bala, chega antes da corrente, chega antes das violências e das desigualdades. Porque, se você não tem uma base que alicerça uma história humana que não seja uma história somente de açoite e chicotes, o que você reconhece na nossa população e como isso cria, na nossa subjetividade, um lugar de desumanização das nossas populações negras. Então, quando você reintegra a história, você reintegra uma possibilidade de reconhecer esses sujeitos que não seja pela desumanização.⁶

Desse modo, assim como parte fundamental para o processo de humanização e construção de subjetividade, conhecer sobre a nossa história é um processo fundamental de sobrevivência e, também, de identidade. Independente de sua forma - escrito, corporal, oral etc.-, esses conhecimentos são os que nos alimentam para a construção de nossos próprios caminhos, reconhecimento dos nossos pontos de partida. São maneiras de reconhecimentos de estratégias possíveis, ferramentas e também das nossas potencialidades.

Fruto desse processo, de histórias que ouvi e que não ouvi, das imagens que vi, das memórias que construí e dos atravessamentos que por mim passaram, desenvolvo a minha arte e, como já dito, minha forma de entendê-la e de comunicá-la - tanto a minha história quanto um tanto sobre quem sou e o que gira aqui dentro -, que é através da junção de partes fragmentadas, das geometrias, das cores em contrastes, das linhas que delimitam e marcam os encontros das formas como se fossem rios, divisas, estradas, veias.

Assim, ao criar minhas obras busco uma narrativa que aproxima ou busca conectar esses fragmentos. Diante das minhas criações me faço parte delas e assim, juntas, nós chegamos aos brincos, colares, estampas e as outras artes que apresento ao mundo. Assim como minhas memórias, minha arte me move. Minhas pinturas - em brincos, colares, tecidos - ganham novos usos e interpretações enquanto caminham e adornam corpos diversos ou são expostos em espaços. Acredito que é desta imensidão de possibilidades, em que os fragmentos se encontram, que produzo significados que ultrapassam o meu ser individual, mas que também tocam o olhar sensível de quem vê e se identifica.

⁶ GOMES, Luiz. Katiúscia Ribeiro: o apagamento do conhecimento africano é o alicerce do racismo, veio antes da bala e das correntes. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <<https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2020/11/katiuscia-ribeiro-o-apagamento-do-conhecimento-africano-e-o-alicerce-do-racismo-veio-antes-da-bala-e-das-correntes/>>. Acesso em: 12 ago. 2024

Nesses caminhos, entre outras reflexões que fiz, esteve o questionamento sobre o que fazia com que as pessoas se identificassem com as minhas criações. Sou eu que faço essa relação da junção de fragmentos nas artes que crio com a minha história. Não necessariamente acontece assim com outras pessoas. Entre algumas conclusões a que cheguei, pensei que, assim como encontrei nas geometrias e cores a minha forma de comunicação e resgate, outras pessoas provavelmente assim o fazem, das maneiras delas, inclusive porque, como disse em capítulo anterior, essas formas estão presentes em diversas criações e manifestações artísticas de origem africana e afro-diaspórica.

Em seu livro *Modativismo: quando a moda encontra a luta*, a artista visual Carol Barreto pontua que “com o vestuário expressamos uma imagem de nós que se transforma também em autoimagem e contribui para a elaboração de conexões sociais que nos ajudam a criar um senso de grupo ou comunidade” (Barreto, 2024, p. 46). Creio que, quando alguém opta por comprar e utilizar o que crio, seja em brincos, colares ou estampas, elas pretendem comunicar algo com o que escolhe para adornar seu corpo ou, até mesmo, para enfeitar a sua casa. É como uma transmissão de frequência que, naturalmente, encontra sincronizações.

As estampas, os adornos, as obras artísticas, as bandeiras, simbologias pan-africanistas⁷, os adinkras, a arquitetura, as esculturas em ferro e, para além do material, as formas de movimentações do corpo e circularidades das danças, da ciranda, da capoeira etc. acredito que esses elementos também aproximam as pessoas das suas histórias, afinal foram esses alguns meios que nossos ancestrais utilizavam para a perpetuação de memórias, através de ferramentas como a arte, a cultura, a espiritualidade, a culinária, os mitos. Todos esses são caminhos de acessar essa história/poder ancestral para sobreviver, viver outras histórias e possibilitar a continuidade que virá através das próximas gerações.

Durante o desenvolvimento do projeto *Artestampa Manual – Estamparia Autoral em Tecidos*, criei uma estampa com bastante geometrias e cores, além de alguns padrões gráficos. Durante o processo de criação, fiz alguns testes de junção de cores que remetessem

⁷ O pan-africanismo foi um movimento que surgiu na segunda metade do século XIX, durante o período do neocolonialismo, o qual foi marcado pela dominação de territórios na África, Ásia e América Latina por países europeus e os Estados Unidos. De modo sucinto, pode-se dizer que o pan-africanismo é uma ideologia que defende a união dos povos africanos e descendentes ao redor do mundo pela defesa de direitos e na luta contra o racismo, abrangendo, entre vários pontos, também uma luta por uma construção de outras visões acerca das identidades do povo negro, tanto africanas como afro-diaspóricas. O movimento contribuiu fortemente para o incentivo de um retorno do olhar para a África, seus legados e suas ressonâncias diversas para além do seu território. Ao trazer a citação das simbologias pan-africanistas para esse trabalho de conclusão de curso, minha intenção é destacar seus impactos no campo da cultura e das artes, onde suas simbologias e ideologias influenciaram desde as estéticas de bandeiras de países africanos após suas independências, até mesmo as bases para outros movimentos, a exemplo do afrofuturismo, do movimento Rastafari, do Teatro Experimental do Negro no Brasil, entre tantos outros.

à natureza, às matas, às águas, à terra, aos raios solares. Escolhi as cores verde, azul, marrom, laranja, amarelo para colorir os fragmentos geométricos da composição.

Figura 16 . Esboço de padrões geométricos para criação de estampa, 2024.



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora, Recife, 2024.

Após alguns testes, senti falta de elementos que preenchessem essas formas geométricas. Foi então que criei alguns carimbos com desenhos, não necessariamente com significados, mas que imaginei que imprimiriam um efeito estético interessante.

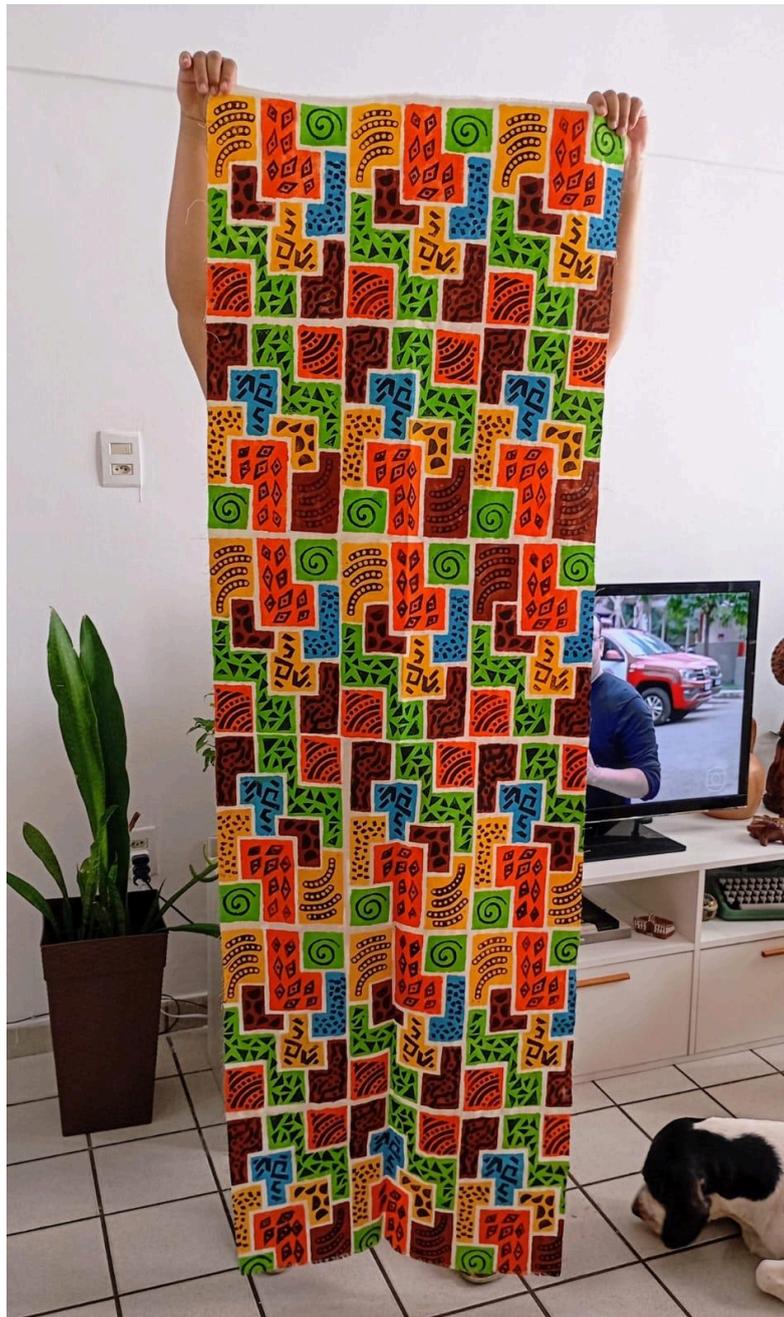
Figura 17: Esboço de padrões geométricos para criação de estampa, 2024



Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora, Recife, 2024.

Após esses e alguns outros testes e esboços, resolvi partir para a estamparia de um tecido de 57cm X 180cm, o que resultou em uma das obras expostas nas exposições do projeto. O processo de criação se deu de forma bastante livre, com inspiração em muitas das pinturas que já havia criado em alguns dos adornos da minha marca, bem como em alguns padrões estéticos dos já citados bogolans. Ver a minha arte em uma base de proporção muito maior que as dos brincos e colares foi uma experiência super interessante e me trouxe muitas percepções do tanto de suportes que posso utilizar para deixar fluir minha criatividade.

Figura 18: Esboço de padrões geométricos para criação de estampa, 2024.



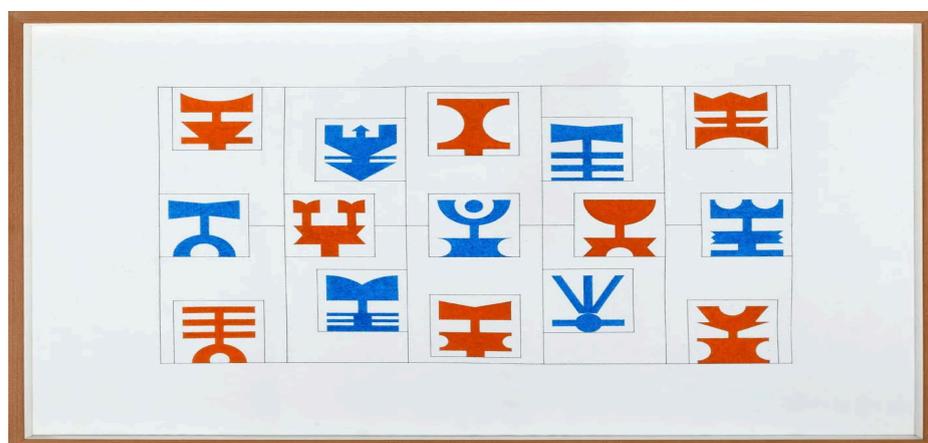
Fonte: Arquivo da pesquisa, produção da autora, Recife, 2024.

Assim decorreu a criação dessa estampa e, devo dizer que, nas oportunidades de exposições, ela foi bastante apreciada, inclusive com uma proposta de se pensar em incluí-la na estampa de figurinos de um bloco afro da região de Olinda, o que está a ser analisado. Também muitas pessoas, tanto com essa estampa quanto com as outras que foram expostas, perguntavam se pretendia lançar alguma coleção de roupas com elas ou, até mesmo, fazer faixas ou flâmulas para decoração. Essas sugestões e trocas de ideias foram bem interessantes e me trouxeram muitas inspirações de como expandir e continuar com as minhas produções. Além disso, foi mais uma forma de vivenciar as maneiras como as pessoas identificam e se identificam com o que crio, oportunidades em que há uma constância de associações com negritude, afro-brasilidade e suas manifestações.

No campo da diversidade das minhas inspirações para a criação de estampas, colares, brincos, devo ainda pontuar sobre mais porções que giram aqui dentro de mim. Sem dúvidas, assim como há pessoas que se identificam com o que faço, eu também me identifico e, mais que isso, me inspiro em muitos artistas. Entre eles, posso citar Goya Lopes, J. Cunha, Abdias do Nascimento, Alberto Pitta, Criola, Jorge dos Anjos. Mas, entre os trabalhos que mais me encantaram em primeiro contato, foi o de Rubem Valentim.

Rubem Valentim foi um escultor, pintor e gravador, nascido em 1922 em Salvador, e que produziu artisticamente até sua morte, em 1991. O artista, em seus trabalhos, tinha a geometria predominante em suas obras e evocava a elas um aspecto sagrado. Crescido em contato íntimo com a religiosidade afro-brasileira, utilizou da geometria para a criação do que chamava de *Alfabeto Kitônico*, onde criou um conjunto de “signos-símbolos” que, desconstruídos ou recombinaados, transcreviam uma poética do Sagrado.

Figura 19: *Alfabeto Kitônico*, de Rubem Valentim



Fonte. Disponível em: <https://revistaphilos.com/rubem-valentim-sagrada-geometria-no-rio/>. Acesso em: 14 ago

Rubem Valentim afirmava que o seu pensamento era resultado de uma consciência de terra, de povo. Em muitos de seus relatos, o que o artista apresentava era que a sua inspiração para as artes veio da sua infância e das suas vivências em família, na cidade onde cresceu, dos terreiros, das feiras, das festas populares. Ele chamava a tudo isso de “substratos poéticos”. Em seu *Manifesto ainda que tardio*, o artista afirmou:

Minha linguagem plástico-visual-signográfica está ligada aos valores míticos profundos de uma cultura afro-brasileira (mestiça-animista-fetichista). Com o peso da Bahia sobre mim - a cultura vivenciada; com o sangue negro nas veias - o atavismo; com os olhos abertos para o que se faz no mundo - a contemporaneidade; criando seus signos-símbolos procuro transformar em linguagem visual o mundo encantado, mágico, provavelmente místico que flui continuamente dentro de mim. O substrato vem da terra, sendo eu tão ligado ao complexo cultural da Bahia: cidade produto de uma grande síntese coletiva que se traduz na fusão de elementos étnicos e culturais de origem européia, africana e ameríndia. Partindo desses dados pessoais e regionais, busco uma linguagem poética, contemporânea, universal, para expressar-me plasticamente.⁸

Assim, é possível perceber que as obras tinham um significado estético que se fazia linguagem e assim comunicavam mensagens frutos de vivências e de experiências coletivas do artista também das aspirações de um povo. Através da geometria, a qual denominava sagrada, o artista afirmava alcançar uma ordem sensível, contida, estruturada para a sua arte.

Por muito tempo tentei encontrar uma afirmação direta para o porquê do uso da geometria ao invés de outras formas. Depois passei a perceber que essa sacralidade a que talvez o artista se referisse era muito mais uma questão de sentir do que explicar com palavras, afinal a arte é algo que nos faz sentir. Procurar uma lógica tão fechada na arte limita o movimento. Como nos ensina o poeta e educador mexicano César A. Cruz Teolol, a arte deve confortar os perturbados e perturbar os confortáveis.⁹

Tentar aqui afirmar o motivo literal de um artista usar a geometria ou outra maneira de criar arte, e aqui me incluo, além de não ser minha intenção, também me parece um

⁸ FONTELES, Bené. Rubem Valentim: 1922-1991: Sagrada Geometria. Rio de Janeiro: Pinakothek, 2022, p. 79.

⁹ BIENAL DE SÃO PAULO. São Paulo. 24 jun. 2024. Instagram: @bienalsaopaulo. Disponível em: < <https://www.instagram.com/bienalsaopaulo/p/C8nCuT7hv5H/> >. Acesso em: 20 ago. 2024

caminho sem encruzilhadas, sem encontros ou desencontros. A impressão que tenho é que saber o que se passa internamente do ser que cria, sua história, seus atravessamentos e a forma como ele se expressa é o que tem a nos ensinar e transmitir, principalmente quando a gente sente que aquela arte nos surpreende ou parece dizer muito do que a gente também gostaria de falar.

Em data recente, durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, fiquei encantada quando, ao assistir competições do skate feminino e masculino, vi que os atletas brasileiros estavam a usar uniformes com estampas geométricas e cores vibrantes. Logo fui pesquisar sobre a origem daquelas criações e fui surpreendida ao saber que foram criadas pela artista visual Tainá Lima, mais conhecida como Criola, já citada nesse texto enquanto uma artista que tenho por referência.

Figura 20: Detalhes das peças do uniforme dos skatistas brasileiros para as Olimpíadas de Paris, 2024.



Fonte: Disponível em: <

<https://revistamarieclaire.globo.com/moda/noticia/2024/07/uniforme-da-selecao-brasileira-de-skate-tem-a-rte-pautada-em-brasilidade-negra-conheca-a-colecao.ghtml> >. Acesso em 23 ago. 2024.

Criola é uma mulher negra, mineira e, além de ser artista visual, é também designer de moda. Ao falar sobre seus processos de criação das estampas, destaca que fundamenta-se em pesquisas "sobre brasilidade negra e sobre ser uma mulher afrodiáspórica brasileira no mundo"¹⁰. A artista, que também assina murais em cidades brasileiras e em países

¹⁰ GERALDO, Nathália. Olimpíadas 2024: uniforme da seleção de skate tem arte pautada em 'brasilidade negra'; conheça a coleção. 2024. Disponível em: <

estrangeiros, traz como ponto forte em suas obras referenciais de ancestralidade, espiritualidade e natureza e, para isso, utiliza-se fortemente de geometrias e cores vibrantes. Indagada sobre o que a inspira, a artista afirma:

meu trabalho é pautado muito pelas minhas vivências enquanto uma mulher preta brasileira de quebrada que enxerga e se ancora na geometria intuitiva para fincar na matéria nossa conexão ancestral para além de um cenário cinza e ilusório, manifestando novas realidades possíveis, é através da arte que crio uma nova realidade, mais diversa, mais colorida, mais empática, que acredita num mundo melhor, onde mulheres no pódio é reparação histórica, e onde pretas chegam onde quiser, porque lugar de mulher preta é onde ela sonhar estar.¹¹

Nesse compasso das geometrias, das cores vibrantes, da intuitividade, da conexão ancestral, quis trazer essas informações e falas de Criola, pois, ao ler sobre essas e outras falas da artista visual, senti uma conexão, como se tivesse achado em palavras muito também do que quero dizer com a minha arte. Como já mencionei, ao mapear algumas das minhas criações desses últimos anos, entre 2020 e 2024, o que queria era analisar a presença das formas geométricas e uso das cores em minhas obras; entender as fontes que me abastecem enquanto criativa; registrar e expor sobre mim; compreender de que forma as influências sociais, implícitas ou não, bem como vivências, poderiam influenciar o meu processo criativo e a minha formação enquanto artista visual. Além de tudo isso, queria conseguir encontrar respostas dos motivos pelos quais pessoas se identificam com o que faço e dizem “se verem” nas peças que crio. A sensação que tenho é que, cada vez mais, as respostas têm chegado, tanto com os mergulhos em meu interior e em meu fazer artístico, quanto quando acesso e me reconheço em outras artes e relatos.

Adiante, já em caminho de finalização desse trabalho de conclusão de curso, apresento algumas proposições e também mais algumas dúvidas que chegaram após todas essas análises. Adianto, porém, que não encerrei por aqui essas pesquisas e reflexões. Como

<https://revistamarieclaire.globo.com/moda/noticia/2024/07/uniforme-da-selecao-brasileira-de-skate-tem-arte-pautada-em-brasilidade-negra-conheca-a-colecao.ghml> >. Acesso em: 23.ago. 2024.

¹¹ PÉTALA, Isabela. Olimpíadas: conheça Criola, artista visual que assinou o uniforme do skate brasileiro. 2024. Disponível em: <
<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2024/08/olimpiadas-conheca-muralista-que-assinou-o-uniforme-do-skate-brasileiro.ghml> >. Acesso em: 22 ago. 2024.

já pontuei, não há um fim, e sim uma ciclicidade, continuidade. E penso que é isso que é encantador tanto na pesquisa quanto na arte.



**4.Do meu fluir:
para e com o mundo**

Apesar de saber que, enquanto artista, terei que, em muitas ocasiões, explicar o que faço e o que impulsionou a produção de alguma das minhas obras, usar das palavras nesses momentos não é algo muito fácil para mim. É constante a sensação de que falta algo a ser dito num discurso. Perguntas sobre a poética, pedido de explicações sobre a obra, como fiz, o que me impulsionou a fazer. O motivo da escolha de determinadas formas ou cores. De muitos modos me confronto com um incômodo com o fato de parecer precisar ter uma explicação ou motivo para tudo.

Houve um tempo em que não ter uma explicação toda construída acerca disso, para não ser pega de surpresa e ter as respostas na ponta da língua, me deixava bastante ansiosa. Essa sensação passou a ter um lugar tão significativo para mim que, em uma oportunidade de consulta às cartas de um oráculo, quis saber de que maneira poderia ter mais tranquilidade para ter respostas a essas perguntas. A mensagem que chegou, através de uma carta associada à figura de um eremita, foi que meu conhecimento vinha da minha trajetória e que era essa a minha fonte de inspiração para o que fazia. Que contar a minha história, ainda que de forma emocionada, seria a minha forma de significar e transparecer o que há de genuíno no que crio.

Essa mensagem, para mim, foi transformadora. Sempre busquei uma explicação lógica, teórica para muitas coisas, além de que tenho um princípio de só falar algo se realmente acredito. E não que isso seja ruim, mas muitas vezes procurei fora as explicações para o que fluía dentro daqui. Foi só depois de um tempo, inclusive após a escolha do nome da minha marca, que percebi que o que faço é reflexo do que sou e do que me afeta enquanto ser social.

No início do ano de 2024, tive a oportunidade de conhecer o ateliê da artista Goya Lopes, localizado na cidade de Salvador, e ouvi-la falar sobre sua história, seus processos criativos e suas inspirações. Durante a conversa, ela me apresentou e presenteou com um livro, em que foi ilustradora, que reúne texto com reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, o *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Esse contato me aproximou do termo “escrevivências”, adotado pela autora, que traz a junção das palavras “escrever” e “vivência”, e que traduz o que seria uma escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de quem escreve e também do povo a que pertence. Conforme a autora,

Escrevivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrevivência já demande outra leitura. Escrevivência surge de

uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade.¹²

Assim, a escrevivência se torna uma ferramenta de dar voz a narrativas, fruto de vivências próprias e também da comunidade ao seu redor. O contato com esse termo, além de todas as reflexões que vieram após a citada consulta ao oráculo, me fez pensar que o que crio é minha forma de comunicar minhas vivências, o que flui dentro de mim, bem como tem sido uma maneira de identidade e resgate de história de uma ancestralidade a que pertenço. Peço licença, então, para falar sobre “artevivência”, onde a minha escrita se dá através da minha arte e minhas letras são as geometrias e as cores. Através da minha arte, falo de mim e também do povo a que pertenço e acredito que seja isso que faz com que as pessoas se identifiquem com o que faço ou, até mesmo quando não compartilham de histórias que se aproximam à minha, captem algumas das minhas mensagens.

E então como explicar o motivo da escolha de cada uma das formas e das cores que utilizo? Pra mim não faz sentido falar sobre cada um desses detalhes individualmente. Posso explicar a intenção dos fragmentos, a estratégia que utilizei para dar maior contraste ou não entre as cores, alguns símbolos que incluo em alguma obra. Porém, no sentido da poética, só consigo falar sobre a sensação que sinto ao criar, que é de uma verdadeira permissão do fluir, e do que me faz discernir quando cada obra fica pronta, que, muitas vezes, é quando ela me traz a sensação de resgate ancestral e de pertencimento.

Acredito que a arte já é uma linguagem pronta. Quando vejo, por exemplo, os desenhos geométricos feitos por mulheres da sociedade Ndebele, não sinto a necessidade de perguntar o motivo de cada traço ou cor. A informação de que essas artes expressam histórias milenares da existência deste povo já é suficiente e o que penso é que, o que nos cabe, é a apreciação, o envolvimento.

¹² EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 38, 2020.

Figura 21. Pintura feita por mulher pertencente à sociedade Ndebele.



Fonte: GRILO, Natália. Padrões e Murais nos Lares Africanos - A arte do Ventre. Revista Di Cheiro, Rio de Janeiro, 1ª edição, mai, 2020, p. 13.

Quanto às minhas produções, o que sinto é que são fruto de quem sou, do lugar que ocupo na sociedade, de tudo que me atravessa, de histórias que vieram antes das minhas, das inspirações que me movem, das imagens que vi e que encantaram o meu olhar. Vem do que via na cidade onde nasci e cresci, vem dos lugares que andei e que ando. Vem de histórias que ouvi, de narrativas que escutei e de memórias que busquei e busco. Vem das oralidades preservadas por povos que tiveram que resistir, de sons, de movimentos corporais. Vem da infância, da adolescência, dessa fase adulta, mas também de existências anteriores, que é o que acredito.

Foi a partir da arte que encontrei as ferramentas para dar vazão e, também, continuidade a tudo isso que gira aqui dentro de mim e ao que sinto e vejo fora. É nesse ato de observar e de usar as geometrias e as cores para me comunicar que quero também despertar sensações em outros olhares sem limitá-las. É assim que fluo para e com o mundo. Penso ser esse o caminho para falar sobre a minha arte.

Muitas foram as camadas que me estimularam a fazer essa pesquisa e, ao longo delas, fiz uma espécie de viagem no tempo, que ultrapassou o período mencionado de 2020 a 2024, de forma que lembrei de histórias da infância, assim como também fuzei memórias. Eu procurei por tanto entendimento e explicações e percebo que encontrei caminhos ao tempo

em que me voltei pra mim, para minha condição enquanto mulher negra na sociedade, minhas vivências e tantos outros aspectos, assim como quando olhei para fora, para obras e relatos de outros artista que usam as geometrias e cores em seus trabalhos enquanto ferramentas de comunicação das suas poéticas.

Devo mencionar que, durante a graduação em Artes Visuais, ao longo das disciplinas, senti muita falta de estudar mais sobre produções de artistas que vivenciaram/vivenciam processos criativos em que suas perspectivas enquanto artistas negros em sociedade reverberam em suas produções, independente das linguagens ou técnicas aplicadas por cada um. As poucas vezes em que aconteceu, os temas reduziram-se a resumidas falas acerca da grandiosa Rosana Paulino, além de não haver um prolongamento a tantos outros artistas como o renomado Rubem Valentim, Abdias do Nascimento, Mestre Didi, Marcela Bonfim, Emanuel Araújo, Goya Lopes, Criola e inúmeros outros nomes. O mesmo posso dizer acerca das referências a artistas indígenas. A necessidade de inclusão desses estudos e aprofundamentos sobre outras perspectivas do fazer artístico é urgente nos ambientes educacionais.

E é a partir daqui que afirmo que a minha condição enquanto mulher negra, os atravessamentos pelos quais passei e passo, se refletem e muito em minhas produções. A partir do momento em que certifico que minha arte é fruto das minhas vivências, não nego que é através dela que encontro minha comunidade, que reafirmo minha identidade. É através dela que me encontro com minha ancestralidade. E não que todo artista negro utilize-se da mesma ferramenta que eu, porém, acredito que sempre tem muito do artista em suas obras, e esse foi o caminho que me identifiquei, conectei e me senti contente em utilizar.

Como já dito, falar sobre meu processo criativo ao longo desses anos sempre foi bastante difícil, como se falasse algo incompreensível. Por muitas vezes me questioneei se tudo isso fazia algum sentido. Como se tivesse de colocar em palavras como ser uma mulher negra em sociedade afeta o que crio. Como se as histórias de apagamentos não fossem um ponto chave que mexesse tanto comigo e com tantos ao ponto disso influenciar tudo o que gira aqui dentro e que traduzo através da minha arte. E penso que esse também foi um fator que me fez ter tanta necessidade de desenvolver essas pesquisas e colocar no papel, sintetizar, olhar de frente, tentar me encontrar e, claro, falar para o mundo, não com um discurso pronto, mas com o movimento que tento imprimir na junção das minhas geometrias e cores, pois elas são minha linguagem.

O que sei dizer é que, através dessas ferramentas, encontrei as formas de traduzir minhas vivências e as histórias fragmentadas que consegui acessar sobre os que viveram

antes de mim. É através da geometria que sinto que me conecto a raízes minhas que tentaram cortar, as rotas por onde passei e até muitos que gostaria de passar. É através da junção de cores, vibrantes ou não, com grandes contrastes ou não, que tento retratar vibrações que senti com ritmos, movimentos, tabuleiros, estampas e belezas que tentaram diminuir. É através da junção desses elementos que tenho a sensação de pertencimento, que sinto, que me aproximo das pessoas que as apreciam e que essas pessoas se aproximam a mim.

Sinto que as conclusões sobre esse estudo não se encerram por aqui. Assim como vou continuar a criar, também vou continuar a entender o que faço e compreender mais do que sou, pois sinto minha arte como uma extensão de mim e, como já dito, como meu canal de comunicação. Durante essa pesquisa, o que surgiu também foi uma outra curiosidade acerca de como relatos de artistas que estudei e que usam de geometrias e cores, as relacionam muito a termos como ancestralidade, identidade, pertencimento, raízes. Isso me faz pensar o quanto essas confluências podem ser um objeto de pesquisa, pois são muitas vezes, ainda que cada uma ao seu modo, utiliza geometrias e cores para falar e dar voz a muitos.

Dessa forma, concluo esse texto - e não minhas pesquisas - com a percepção de que, mapear minhas produções entre 2020 a 2024, me fez refletir sobre o desenvolvimento das minhas criações ao mesmo tempo em que também pude ir me encontrando, tanto com o meu presente, quanto com memórias e, assim, entendendo, cada dia mais, sobre minha subjetividade, o que me atravessa e o que me conecta com as pessoas com que estabeleço trocas. Pessoas diferentes de mim mas que, muitas vezes, também são iguais.

Reconheci que as geometrias e cores são as ferramentas que utilizo para exteriorizar como filtro e percebo o tanto do que acontece ao meu redor e que, por ser uma mulher negra, a forma como os impactos sociais chegam até mim têm perspectivas que não são iguais as de pessoas que não são afetadas, por exemplo, pelo racismo e seus efeitos. Como as minhas vivências e memórias são as minhas fontes, assim como toda arte que, através de sua linguagem, comunica tanto para mim e me traz sensações de identificação e pertencimento ao que ela diz.

Por fim, chego aqui sem uma angústia inicial de ter respostas ou discursos prontos acerca do que faço, de ter que explicar a maneira exata sobre tudo que me atravessa. Eu me permito continuar a criar da forma como sempre criei: fluindo. Hoje, me abasteço ao associar minhas junções de recortes de formas, de geometrias e contrastes de cores ou tons como uma forma sensível de registrar fragmentos de histórias que ouvi dos mais velhos da minha família. Daqui a um tempo, pode ser que identifique outras associações, que me encontre

ainda mais comigo e com a minha arte. Mas algo sempre será a minha base: a ancestralidade. Minha arte, como pontuei lá atrás, é meu movimento sankofa.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Carol. Modativismo: quando a moda encontra a luta. 1^a ed. São Paulo: Paralela, 2024.

BIENAL DE SÃO PAULO. São Paulo. 24 jun. 2024. Instagram: @bienalsaopaulo. Disponível em: < <https://www.instagram.com/bienalsaopaulo/p/C8nCuT7hv5H/> >. Acesso em: 20 ago. 2024

CAMPOS, Beatriz Schmidt. Arte e vivência no planeta fome: um diálogo entre Carolina Maria de Jesus, Elza Soares e Maria Auxiliadora da Silva. Brasília, 2022. Disponível em: < <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/45361> >. Acesso em: 20 ago. 2024.

CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2012.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a Negritude. Tradução de Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

DAMASCENO, Walmir. O não-lugar da ontologia afrikana em suas tradições. 2020. Disponível em: < <https://www.brasil247.com/blog/o-nao-lugar-da-ontologia-afrikana-em-suas-tradicoes-3qi956ys> >. Acesso em: 16 set. 2024

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 38, 2020.

FONSECA, Annelise Nani da; RIZZO, Isabella Regina. A/r/tografia do processo criativo. Paraná, 2017. Disponível em: < www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/4130.pdf >. Acesso em: 16 dez. 2023

FONTELES, Bené. Rubem Valentim: 1922-1991: Sagrada Geometria. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2022.

FRADE, Isabela. A pedagogia do artesanato.. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, [S. 1.], v. 3, n. 1, 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tecap/article/view/12619>. Acesso em: 26 ago. 2024.

GERALDO, Nathália. Olimpíadas 2024: uniforme da seleção de skate tem arte pautada em 'brasilidade negra'; conheça a coleção. 2024. Disponível em: < <https://revistamarieclaire.globo.com/moda/noticia/2024/07/uniforme-da-selecao-brasileira-de-skate-tem-arte-pautada-em-brasilidade-negra-conheca-a-colecao.ghtml> >. Acesso em: 22.ago. 2024.

GOMES, Luiz. Katiúscia Ribeiro: o apagamento do conhecimento africano é o alicerce do racismo, veio antes da bala e das correntes. Porto Alegre, 2020. Disponível em: < <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2020/11/katiuscia-ribeiro-o-apagamento-do-conhecimento-africano-e-o-alicerce-do-racismo-veio-antes-da-bala-e-das-correntes/> >. Acesso em: 12 ago. 2024

GRILO, Natália. Padrões e Murais nos Lares Africanos - A arte do Ventre. Revista Di Cheiro, Rio de Janeiro, 1ª edição, mai, 2020.

LOPES, Maria Auxiliadora dos Santos Goya. Goya Lopes – Trajetória de uma Criadora. Modapalavra e-periódico, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 021–042, 2016. DOI: 10.5965/1982615x09182016021. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7827>. Acesso em: 26 ago. 2024.

MARTIN, Júlia Saint. O que é o Pan-africanismo? 2023. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/pan-africanismo/> >. Acesso em: 20 set. 2024.

NOGUEIRA, Yasmin de Freitas. Memórias de um corpo negro feminino: narrativas poéticas, ancestralidade e processos criativos. Bahia, 2019. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30152> >. Acesso em: 27 fev. 2024.

NOGUERA, Renato. Denúncias e pronúncias: estudos afroperspectivistas sobre infâncias e educação das relações étnico-raciais. Rio de Janeiro , v. 16, e48335, 2020 . Disponível

em <
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-59872020000100303&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 mar. 2024.

OLIVEIRA, Andréia Machado; RICHTER, Indira Zuhaira. Cartografia como metodologia: Uma experiência de pesquisa em Artes Visuais. *Paralelo 31*, n. 8, julho de 2017. Disponível em: < <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/13292> >. Acesso em: 14 dez. 2023.

OSH1 AUTOIMAGEM. Marimba Ani - A Visão de Mundo Africana. YouTube, 06 de setembro de 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zEpavqcubyo> >. Acesso em: 28 de julho de 2024.

PÉTALA, Isabela. Olimpíadas: conheça Criola, artista visual que assinou o uniforme do skate brasileiro. 2024. Disponível em: < <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2024/08/olimpiadas-conheca-muralista-que-assinou-o-uniforme-do-skate-brasileiro.ghtml> > . Acesso em: 22 ago. 2024.

PHILOS. Rubem Valentim: sagrada geometria [no Rio]. 2023. Disponível em: < <https://revistaphilos.com/rubem-valentim-sagrada-geometria-no-rio/> >. Acesso em: 13 ago 2024.

RIBEIRO, Katiúscia. Katiúscia Ribeiro apresenta o conceito de cultura | O Futuro é Ancestral. YouTube, 28 abril de 2022. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=aK9K-jWGygQ> >. Acesso em: 17 set. 2024.

ROMUAL REBECA, Elaine Simões; CARVALHO, Maria de Lurdes Dias de. A arte de ver: Vamos fotografar?. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, A Coruña, n. 04, p. 095–101, 2017. DOI: 10.17979/reipe.2017.0.04.2602. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.04.2602>. Acesso em: 25 aug. 2024.

SANMARTIN, Stela Maris. Arqueologia da criação artística. : vestígios de uma gênese: o trabalho artístico em seu movimento. *Farol*, [S. l.], v. 14, n. 19B, p. 66–76, 2020. DOI:

10.47456/ufes.v2i19B.30727. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/30727>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SILVA, Márcia Alves da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. *Educar em Revista*, [S.l.], v. 31, n. 55, p. p. 247-260, mar. 2015. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36810>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SILVA, Marisa Francisca da. “Voltar Atrás”: Uma Contemplação sobre o Pássaro e o Adinkra Sankofa na Cultura Afro-brasileira. São Paulo, 2023. Disponível em: Acesso em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/nhengatu/article/view/66752/44901>>. 30 jul. 2024

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. Tradução . São Paulo: Odysseus, 2007.